

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO**

**CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS**

**ESCOLA DE EDUCAÇÃO**

**A IMPORTÂNCIA DE PAULO FREIRE  
PARA A PEDAGOGIA**

**FRANCISCO ANTÔNIO RIBEIRO PACHECO**

**Rio de Janeiro  
2004**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO -  
UNIRIO  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS - CCH  
ESCOLA DE EDUCAÇÃO**

**A IMPORTÂNCIA DE PAULO FREIRE  
PARA A PEDAGOGIA**

**FRANCISCO ANTÔNIO RIBEIRO PACHECO**

**Professora Orientadora: VALERIA CRISTINA LOPES WILKE**

**Trabalho Monográfico apresentado  
ao Curso de Pedagogia do Centro  
de Ciências Humanas e Educação  
da UNIRIO, como requisito para  
obtenção do Grau de Bacharel em  
Pedagogia.**

**Rio de Janeiro  
2004**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO**

**CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS**

**ESCOLA DE EDUCAÇÃO**

**CURSO DE PEDAGOGIA**

**DEPARTAMENTO DE DIDÁTICA**

**DISCIPLINA: MONOGRAFIA II**

**REITOR DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO:  
PIETRO NOVELINO**

**DECANO DO CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS:  
LUÍS EDUARDO MARQUES DA SILVA**

**DIRETORA DA ESCOLA DE EDUCAÇÃO:  
MARIA AMÉLIA GOMES DE SOUZA REIS**

**CHEFE DO DEPARTAMENTO DE DIDÁTICA:  
CARMEM DIOLINDA SANCHES SAMPAIO**

**PROFESSORA DE MONOGRAFIA II:  
LÍGIA MARTHA COIMBRA DA COSTA COELHO**

DEDICATÓRIA

AGRADEÇO A DEUS PELA FORÇA  
À MINHA FAMÍLIA PELO CARINHO E  
PACIÊNCIA  
AOS MEUS PROFESSORES E COLEGAS DE  
CLASSE PELA ALEGRIA E APRENDIZADO  
QUE ME PROPORCIONARAM DURANTE  
NOSSA CONVIVÊNCIA

AGRADECIMENTOS

A MINHA ORIENTADORA, PROFESSORA  
VALÉRIA WILKE E A TODOS OS  
PROFESSORES E COLEGAS QUE ME  
AJUDARAM NESSA MONOGRAFIA

## RESUMO

Esta monografia procura apontar as grandes mudanças ocorridas na pedagogia a partir do conhecimento do pensamento de Paulo Freire. Ele entendia que através da educação e do diálogo seria possível, ampliar a participação consistente das massas e levar a sua organização crescente de modo que sua participação social fosse efetiva, gerando conquistas sociais como conseqüência direta da redução da força do opressor. És aí a principal finalidade da educação para Freire, não apenas a aquisição dos conteúdos, um saber estático, mas, permitir e ajudar quando necessário o aluno a "adquirir" um pensamento crítico, sendo capaz de analisar, fazer uma segunda leitura do contexto político-social, da situação problematizadora. Para ele a educação tem por obrigação, através dos seus diversos campos de investigação e práticas pedagógicas, prover o educando de recursos e habilidades que o torne autônomo, ou, em outras palavras, que possibilite ao oprimido reagir com criticidade à opressão imposta pelas elites dominantes. Para Paulo Freire, militar por uma pedagogia libertadora em oposição a pedagogia capitalista, implica em lutar também por uma política verdadeiramente democrática.

## SUMÁRIO

RESUMO

INTRODUÇÃO.....	06
CAPÍTULO I – A Construção da Teoria Pedagógica de Paulo Freire.....	08
CAPÍTULO II – Reflexões <sup>sobre</sup> <del>em</del> a Pedagogia do Oprimido.....	12
2.1 O método Paulo Freire.....	19
CAPÍTULO III - Contribuição do pensamento Pedagógico de Paulo Freire.....	26
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	31
REFERÊNCIAS BIBLIOGRAFICAS.....	33

## INTRODUÇÃO

A escolha por Paulo Freire neste trabalho monográfico surgiu por ter percebido o quanto incomodava a este educador toda sorte de discriminação social, e também a preocupação e o carinho que tinha para com as sempre desprotegidas e minimizadas classes populares, vítimas do descaso que os poderosos política e/ou economicamente têm por elas.

Freire, um cidadão pernambucano que soube por experiência própria o (que é a fome), formou-se em direito, não exerceu a advocacia, mas foi na faculdade que seus interesses começaram a se voltar para a Educação e Pedagogia.

ele era  
filho  
de  
fazendeiro

Em 1944, casou-se com a professora Elza Maia Costa Oliveira, com quem teve cinco filhos. Foi neste ano, também, que começou a lecionar português no colégio Oswaldo Cruz. Mas tarde, ao se debruçar sobre as questões da formação escolar, Freire entendeu que a educação predominante não é aliada e não atende aos interesses dos desfavorecidos sociais. Estabeleceu, então, uma dicotomia na prática educativa: de um lado, temos a educação progressista, que vai se responsabilizar pelo interesse democrático, e de outro, a educação autoritária pautada nos interesses das classes dominantes.

Ele não estabeleceu, ela existe  
Ele  
constata  
e se  
redigna

Para compreendermos mais apuradamente o pensamento político pedagógico deste educador, no capítulo primeiro "A Construção da Teoria Pedagógica de Paulo Freire" serão verificados os aspectos básicos que a alicerçaram e como evoluiu historicamente sua concepção de educação, <sup>por meio</sup> através da análise sucinta de suas mais importantes obras. Para aquisição destas informações usaremos principalmente *Pensamento Pedagógico Brasileiro*, de Moacir Gadotti e *Paulo Freire – Ética, Utopia e Educação*, de Danilo R. Streck.(org.).

No segundo capítulo, "Reflexões em A Pedagogia do Oprimido" estaremos nos debruçando sobre duas correntes de educação e a opção política pertinente a cada uma, a saber:

Você colocou o seu interesse pela discussão das teses freireanas sobre educação, sobretudo não publicou na introdução o locus adequado do p. tal "seu problema, a metodologia e resultados".



1. a educação bancária: aquela que educar torna-se um ato de depositar;
2. a educação problematizadora: aquela que educador e educando aprendem juntos.

Para Freire, “quanto mais ganhamos clareza através da prática, tanto mais percebemos a impossibilidade de separar o inseparável: a educação da política.” (CINTRA, 1998, p.84).

No terceiro capítulo “Contribuições do Pensamento Pedagógico de Paulo Freire” estaremos verificando as contribuições importantes que a Filosofia político-pedagógico de Paulo Freire acrescentaram na construção teórica do campo da educação. Para tanto, utilizaremos as reflexões de Gadotti, Brandão e de Cortella, para alcançarmos o maravilhoso legado deixado por Freire, que tem servido de estímulo para todo aqueles que amam a escola e ainda amam o ensinar.

Nas considerações finais, estaremos ratificando a importância da vida e obra de Paulo Freire, destacando os pontos mais importantes para a Pedagogia, veremos também como está a educação após sete anos de sua morte.

## CAPÍTULO I

### A CONSTRUÇÃO DA TEORIA PEDAGÓGICA DE PAULO FREIRE

Para traçamos o caminho que Paulo Freire percorreu na sua elaboração filosófico-pedagógica, é necessário nos reportarmos ao seu primeiro e muito conhecido livro *Educação como prática da liberdade*. <sup>(aqui)</sup> Nesta obra o autor começou a traçar os caminhos para uma pedagogia de resistência aos processos de opressão que se tornarão <sup>m</sup> característica marcante de suas obras, e que Moacir Godotti diz que poderíamos chamar de pedagogia "militante". (1995, p.26).

Freire nos mostra que educar as massas é muito mais do que ensiná-las a ler ou a operar com os números; para ele, educar a população consiste em "conquistá-los para o processo de desenvolvimento nacional" e para a "participação crítica" no mesmo. (STRECK, 1999, p.37). Para que isto ocorra é imprescindível o diálogo crítico. A escola a seu ver precisava tornar possível este tipo de diálogo, mas, a dificuldade encontra-se na própria estrutura social, fechada e opressora que impede o diálogo democrático, horizontal e impõe uma relação que Freire chamou de antidiológica em oposição à dialógica, que é estruturada no diálogo fundamentado na razão. A fala, no primeiro caso, tem apenas um sentido, uma direção, não existem trocas. "O diálogo proposto pelas elites é vertical, rígido, impedindo o educando – massa de dizer a sua palavra". (GADOTTI, 1995, p.27).

Em outras palavras, educação como prática da liberdade apresenta a população passiva, diante dos dispositivos de controle social impetrados pelas elites dominantes, sendo um destes dispositivos a própria educação, que o autor denomina de "pedagogia dominante". "Na pedagogia dominante, ao educando cabe apenas escutar, obedecer" (GADOTTI, 1995, p.27).

Para a superação desta situação, Freire apontou um novo modelo de educação, cuja pedagogia começa pelo diálogo, pela comunicação, por uma relação humana que possibilitem ao povo a elaboração de uma consciência crítica do mundo em que vive, uma Educação como prática da Liberdade.

“O diálogo preconizado por Freire é uma relação horizontal, oposta ao elitismo. Nutre-se de amor, humildade, esperança, fé e confiança. Na relação dialógico-educadora parte-se sempre da realidade do educando, dos conhecimentos e da experiência dele, para construir a partir daí o conhecimento novo, uma cultura vinculada aos seus interesses e não à cultura das elites”. (GADOTTI, 1995, p.27).

*Pedagogia do oprimido*, a segunda obra de Paulo Freire, publicada em 1970, é considerada por vários autores a mais importante. Cintra afirma: “Pedagogia do oprimido refere-se à obra toda de Paulo Freire e não só ao livro Homônimo”. (1998, p.45). Ela deu continuidade ao tema introduzido anteriormente, acrescentando uma versão de classe mais definida. Apresentou também uma contundente crítica à pedagogia dominante, que ele chama de capitalista. “Paulo Freire vincula a educação à luta e organização de classe do oprimido. Para ele, a classe oprimida é maior do que a classe operária”. (GADOTTI, 1995, p.30).

No segundo capítulo desta monografia estaremos vendo mais detalhadamente *Pedagogia do oprimido* e os dois modelos de Educação aí apresentados.

Depois desta obra, Paulo Freire avançou mais rapidamente nos seus escritos, produzindo várias obras que revelam uma evolução teórica, inclusive a incorporação do marxismo. Segundo Moacir Gadotti em “Extensão ou comunicação 1971”, Paulo Freire passou a discutir sua teoria do conhecimento, apoiando-se no filósofo espanhol Eduardo Nicol<sup>(1911-1994)</sup>. Deste, ele tomou o conceito de “estrutura vertical” e “estrutura horizontal”, para insistir na idéia de que qualquer procedimento empírico

dos trabalhadores rurais que seja substituído por técnica mais elaborada não é apenas uma questão de técnica, mas antropológica, epistemológica e estrutural.

Segundo Paulo Freire, a comunicação deve ser simples. Tudo que se compreendeu, mesmo que seja complexo pode ser expresso de forma simples, entretanto, não se deve confundir simplicidade com simploriedade.

Em *Ação cultural para a liberdade* e outros escritos, produzidos em 1976, Gadotti afirmou que o autor ampliou sua análise ideológica da educação dominante, denunciando a pseudoneutralidade e astúcia presentes nesta. Reelaborando sua teoria do conhecimento, contrapôs a teoria ao verbalismo e a ação ao ativismo. Freire procurou desmistificar, assim, o conceito de conscientização no sentido empregado pela ideologia dominante.

Scocuglia, em *Paulo Freire: ética, utopia e educação*, explicou que "[...] Freire [clarificou] suas aproximações teóricas com diversos autores marxistas – identificados a partir dos últimos capítulos da *Pedagogia do oprimido*, começando do próprio Marx". (1999, p. 34) Afirmou também que "[...] principal atenção e destaque merecem as incorporações teóricas definidoras da infra-estrutura econômica – pois, até então, Freire tecia sua análise quase exclusivamente nas esferas da chamada superestrutura". (1999, p.34). Encontramos este referencial nas cartas à Guiné-Bissau.

Em *A Importância do Ato de Ler* (1979), obra de Paulo Freire, traduzida para o espanhol por Moacir Gaddoti e Liriam Lopez Martim da Silva, Gadotti explicou que Paulo Freire "soma novas experiências e novas reflexões, enriquecendo um núcleo central de idéias pedagógicas, e de compromisso com uma educação libertadora". (GADOTTI, 1995, p.33)

Scocuglia menciona os livros relevantes de Paulo Freire, tais como, *A Importância do Ato de Ler*, *Quatro cartas...* (publicada com outros autores), *A Questão da Política na Educação Popular*, *Vivendo e Aprendendo* e outros, e destaca a notória proximidade teórica com teses gramscianas, incorporadas também através das leituras da obra de Amílcar Cabral (1976), líder da luta anticolonial guinense.

Na década de 80 surgiram os livros dialógicos ou dialogados, realizados em conjunto com outros intelectuais entre os quais: *Aprendendo com a Própria História* com Sérgio Guimarães; *Pedagogia: diálogo e conflito* com Sergio Guimarães e Moacir Gadotti; *Por uma Pedagogia da Pergunta* com Antônio Faúndes; *Essa Escola chamada Vida* com Frei Betto; *Medo e Ousadia-o cotidiano do professor* com Ira Shor e a *Escola que Fazemos...* com Adriano Nogueira.

## CAPÍTULO II

### A PEDAGOGIA DO OPRIMIDO

Conforme Paulo Freire <sup>em seus escritos e práticas educativas</sup> a sua pedagogia tem a finalidade de libertar o oprimido e o opressor, primeiramente o opressor que temos dentro de cada um de nós. Freire desejava uma transformação na consciência, transformação pessoal, para que pudesse ocorrer a transformação social. Reclamamos do patrão que nos impõe trabalho em demasia sem as condições adequadas, mas, quando assumimos posição de chefia esquecemos tudo e somos mais exigentes ainda. Não há mudança de atitude, e quando o oprimido consegue galgar a posição do opressor, ele age conforme seu antecessor, "[...] os oprimidos têm no opressor o seu testemunho de homem" (FREIRE, 1970, p.33).

Freire desejava que os oprimidos uma vez libertos, recuperem sua humanidade, e não se tornem opressores dos opressores, mas restauradores da humanidade em ambos. Para ele "[...] esta é a grande tarefa humanista e histórica dos oprimidos, liberta-se a si e aos opressores". (FREIRE, 1970, p. 30).

Ora, a opressão não é acidental, e sim fruto de um trabalho planejado em injustiça, a fim de se alcançar regalias injustas (fama, dinheiro e poder), mascaradas com legalidade. A classe opressora evidentemente evitará que toda e qualquer luz possa chegar ao oprimido, para que uma vez esclarecido encontre meios de se libertar. É por isso que a pedagogia do oprimido tem que ser criada no seu meio, porque a "Pedagogia que faça da opressão e de suas causas objeto da reflexão dos oprimidos, e de que resultará o seu engajamento necessário na luta por sua libertação, em que está pedagogia se fará e refará"; (FREIRE, 1970, p.32). \_ e não externamente para ele, pois não pode ser fornecido pelo opressor. Freire diz que isso seria uma contradição.

Então se quem detém o poder determina a educação, para que serve a pedagogia do oprimido? Freire diz que a libertação é como um parto, dolorosa, é uma luta que se inicia por uma pedagogia que “[vai] desvelando o mundo da opressão e [vai] comprometendo-se, nas práxis, com a sua transformação”. (FREIRE, 1970, p.41). Isto começa nos trabalhos educativos e não logicamente na educação tradicional dominante. Paulo Freire criou muitas frases que ficaram famosas no campo da educação, e está é certamente uma delas: “Ninguém libertada ninguém, ninguém se liberta sozinho: Os homens se libertam em comunhão”. (FREIRE, 1970, p.52).

Aí está a importância dos trabalhos educativos, ajudar os oprimidos para que descubram “[...] o opressor, e se engajem na luta organizada por sua libertação”. (FREIRE, 1970, p. 52) Freire disse ainda que a reflexão, se realmente reflexão, conduz à prática. “Para isto, contudo, é preciso que creiamos nos oprimidos. Que os vejamos como capazes de pensar certo também”. (idem, 1970, p.53).

Depois destas palavras introdutórias, passaremos agora a configurar os dois tipos de educação desvelados por Freire e suas políticas pertinentes.

O autor ao analisar o sistema de ensino vigente, percebeu que as relações professor-aluno são narradoras e “dissertadoras”. O professor narra os conteúdos, o aluno ouve. Os conteúdos retirados de meios alheios aos alunos, não possuem significado, não lhe dizem respeito, não o interessam, e o discurso do professor torna-se frio, sem vida. “Por isto mesmo é que uma das características desta educação dissertadora é a” ‘sonoridade’ da palavra e não da sua força transformadora.” (idem, 1970, p.57)

Nela é obrigação do aluno fixar, memorizar, repetir, muitas das vezes sem entender direito, porque o importante é responder o que o professor quer ouvir. Este tipo de educação que não estimula o raciocínio e a reflexão conduz os alunos à memorização mecânica dos conteúdos. Freire diz que: “desta maneira, educação se torna um ato de depositar, em que os educandos são os depositários e o educador o depositante”. (idem, 1970, p.58). Este é o modelo de educação denominada “bancária” por Freire. Nela o “saber” é uma doação dos que sabem. A aqueles que aprendem.

Freire descreveu as características desta educação “bancária”, para quem a educação é o ato de depositar, de transferir, de transmitir valores e conhecimento. São elas:

- a) o educador é o que educa; os educandos, os que são educados;
- b) o educador é o que sabe; os educandos, os que não sabem;
- c) o educador é o que pensa; os educandos, os pensados;
- d) o educador é o que diz a palavra; os educandos, os que a escutam docilmente;
- e) o educador é o que disciplina; os educandos, os disciplinados;
- f) o educador é o que opta e prescreve sua opção; os educandos, os que seguem a prescrição;



g) o educador é o que atua; os educandos, os que têm ilusão de que atuam, na atuação do educador;

h) o educador escolhe o conteúdo programático; os educandos jamais são ouvidos nesta escolha e se acomodam a ele;

i) o educador identifica a autoridade do saber com sua autoridade funcional, que opõe antagonicamente à liberdade dos educandos; estes devem adaptar-se às determinações daquele;

j) o educador, finalmente, é o sujeito do processo; os educandos meros objetos.

Quais as conseqüências e que objetivos pretende esta educação aplicada nas massas?

Paulo Freire esclareceu esta indagação, explicando que nesta concepção de educação os homens são vistos com moldáveis. "Quanto mais se exercitam os educandos no arquivamento dos depósitos que lhe são feitos, tanto menos desenvolverão em si a consciência crítica de que resultaria a sua inserção no mundo, como transformadores dele. Como sujeito". (idem, 1970, p. 60)

Entende-se, então, que esta educação funciona tal como as "viseiras" no animal de carga, que direciona o seu olhar para uma única direção, e ainda tal como o cabresto que o impede de seguir por onde queira. A conseqüência desta educação é pessoas passivas, ingênuas, prontas para adaptar-se, que não possuem um pensamento autêntico, pessoas disciplinadas.

Está aí o objetivo das elites dominantes com esta educação, o controle social. É possível estabelecer um paralelo com as disciplinas analisadas por Fou-

cault e este controle social pretendido pela elite mediante a escolaridade formal. Segundo o pensador francês, (1987, p.126), "as disciplinas se tornaram no decorrer dos séculos XVII e XVIII fórmulas gerais de dominação", e ainda que

"A invenção dessa nova anatomia política não deve ser entendida como uma descoberta súbita. Mas como uma multiplicidade de processos muitas vezes mínimos, de origens diferentes, de localizações esparsas, que se recordam, se repetem, ou se imitam, apóiam-se uns sobre os outros, distinguem-se segundo seu campo de aplicação, entram em convergência e esboçam aos poucos a fachada de um método geral. Encontramo-los em funcionamento nos colégios, muito cedo; mas tarde nas escolas primárias; investiram lentamente o espaço hospitalar; e em algumas dezenas de anos, reestruturaram a organização militar. [...] a disciplina fábrica assim corpos submissos e exercitados, corpos dóceis". (FOUCAULT, 1987, p.127).

Estas disciplinas estão nos currículos e a metodologia para o ensino delas seguem o modelo da educação 'bancária', ou seja, o professor fala, transfere o conteúdo e o aluno ouve e recebe, passivamente, o conhecimento.

Então percebemos que na verdade o que pretende a classe dominante é transformar <sup>submetido</sup> a mentalidade dos oprimidos e não a resolução das desigualdades sociais, para que assim, melhor adaptado às dificuldades sociais, mais facilmente sejam dominados.

Para isto serve-se da concepção e da prática "bancárias", da educação, que vem acompanhada de ações sociais de caráter paternalista para servir a comunidade que recebe, segundo Freire, o nome simpático de "assistidos". Estes assistidos também recebem da sociedade 'privilegiados' diagnósticos como: homens ineptos e preguiçosos, sem força de vontade, que não estudaram porque não quiseram etc.

Em oposição a esta educação de “domesticação” Paulo Freire apresenta sua concepção problematizadora e libertadora da educação, afirmando: “Enquanto a primeira, necessariamente, mantém a contradição educador-educando, a segunda realiza a superação”.

Para manter a contradição, se a concepção “bancária” nega a dialogicidade como essência da educação e se faz antidialógica, para realizar a superação, a educação problematizadora – situação gnosiológica – afirma a dialogicidade e se faz dialógica. Sobre a importância do diálogo da educação libertadora, Cintra (1998, p.85) destaca:

“Como levar o homem analfabeto à superação de suas atitudes básicas, mágicas, diante de sua realidade? Como levá-lo à montagem de seu sistema de sinalizações? Como ajudá-lo a inserir-se? A resposta seria um método ativo, dialógico, por isso crítico e criticizador. Somente um método dialógico, ativo, participante poderia realmente fazê-lo. Somente pelo diálogo que, nascendo numa matriz crítica, gera criticidade e implica uma relação de como conseguir esses objetivos. (Conscientização e alfabetização: uma nova visão do processo).”

Outra frase marcante de Paulo Freire que se relaciona intrinsecamente com a educação problematizadora: “Ninguém educa ninguém, ninguém educa a si mesmo, os homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo”.

Freire explica que o educador não apenas ensina, mas quando está ensinando, no diálogo com os alunos, na troca das falas, ambos aprendem. Tornam-se sujeitos do processo da aprendizagem. Na educação “bancária” isto não acontece, porque não há sujeitos, ou quando muito, apenas um sujeito, o professor, na medida em que os alunos são meros objetos.

Na educação “bancária” não há conhecimento, porque os alunos não são chamados a conhecer, são chamados a decorar ou memorizar o conteúdo exposto pelo professor. Assim não há conhecimento, nem cultura verdadeiros, pois o que deveria ser o objeto de investigação de tal conhecimento pertence ao educador, que não age como mediatizador da reflexão crítica de ambos.

Na prática problematizadora, o educador é sempre um sujeito cognoscente, quer quando se prepara, quer quando se encontra dialogicamente com os educandos. “Enquanto a prática ‘bancária’ se apresenta como uma espécie de anestesia, inibindo o poder criador dos educandos, a educação problematizadora, de caráter autenticamente reflexivo, implica um constante ato de desvelamento da realidade. Freire afirmou ainda que: “ A primeira pretende manter a emersão; a segunda, pelo contrário, busca a emersão das consciências de que resulte sua inserção crítica na realidade. (FREIRE, 1970, p.70).

Tomas Tadeu da Silva em *Documentos de Identidade* explicou que na base dessa educação problematizadora está:

“[...] uma compreensão radicalmente diferente do que significa conhecer. Aqui, a perspectiva de Freire é claramente fenomenológica. Para ele, conhecimento é sempre conhecimento de alguma coisa. Isso significa que não existe uma separação entre o ato de conhecer e aquilo que se conhece. O mundo, pois, não existe a não ser como mundo para nós, como mundo para a nossa consciência, Freire está aqui longe das concepções pós-estruturalistas recentes que concebem o conhecimento como estreitamente relacionado com suas formas de representação no texto e no discurso. A representação implicada na perspectiva de Freire é a do mundo na consciência.” (2003, p.59).

Outra questão que podemos destacar é que a educação “bancária”, ou seja, a institucional, enfatiza direta ou indiretamente a percepção fatalista que esteja

vivenciando os homens, enquanto que a prática problematizadora, ao contrário, propõe aos homens sua situação como problema.

O fatalismo cede, então, seu lugar ao desejo de ver mudada aquela situação, onde os homens tornam-se sujeito da ação transformadora.

## 2.1 O método de Paulo Freire

O professor Paulo Freire ao se debruçar sobre as questões da alfabetização de jovens e adultos, e ainda, ao estender o seu pensamento para a educação como um todo, na busca de uma pedagogia que fosse verdadeiramente útil aos segmentos mais desfavorecidos da sociedade e que possibilitasse a reação destes ao entender com clareza o "Porquê", criou um método coerente com a sua filosofia de educação libertadora.

*Em Educação como prática de liberdade* Freire esclareceu que:

"Desde logo, afastarmos qualquer hipótese de uma alfabetização puramente mecânica. Desde logo, pensávamos a alfabetização do homem brasileiro, em posição de tomada de consciência, na emergência eu fizera no processo de nossa realidade. Num trabalho com que tentássemos a promoção da ingenuidade e criatividade, ao mesmo tempo em que alfabetizássemos. [...] Pensávamos numa alfabetização direta e realmente ligada à democratização da cultura, que fosse uma introdução a esta democratização". (1969, p.112)

A seguir serão apresentadas as fases de elaboração e de execução prática do Método:

1. Levantamento do universo vocabular dos grupos com quem se trabalhará;

2. A segunda fase é constituída pela escolha das palavras selecionadas do universo vocabular pesquisado;
3. A terceira fase consiste na criação de situações existenciais típicas do grupo com quem se vai trabalhar;
4. A quarta fase parte da elaboração de fichas-roteiro, que auxiliem os coordenadores de debate no seu trabalho;
5. A quinta fase é a feitura de fichas com a decomposição de famílias fonêmicas correspondentes aos vocábulos geradores.

O professor Ernani Maria Fiori na introdução de *Pedagogia do Oprimido* comentou:

“Por isto, a pedagogia de Paulo Freire, sendo método de alfabetização, tem como idéia animadora toda amplitude humana da ‘educação como prática da liberdade’, o que, em regime de dominação, só se pode produzir e desenvolver na dinâmica de uma ‘pedagogia do oprimido’. As técnicas do referido método acabam por ser a estilização pedagógica do processo em que o homem constitui e conquista, historicamente, sua própria forma: a pedagogia faz-se antropologia”. (1970, p. 10).

Em outras palavras o método prático de alfabetização de Paulo Freire é perfeitamente coerente com suas idéias político-pedagógicas. Tem que ter a participação daquele a quem se destina método.

Carlos Rodrigues Brandão explica que: “Um dos pressupostos do método é a idéia de que ninguém educa ninguém, e ninguém se educa sozinho. A educação deve ser um ato coletivo, solidário – um ato de amor, dá para pensar sem susto –, não pode ser imposta”. (1981, p.21).

Um mínimo de palavras, com a máxima polivalência fonêmica é o ponto de partida para a conquista do universo vocabular. Essas palavras são oriundas do próprio universo vocabular do alfabetizando.

Uma pesquisa prévia investiga o universo das palavras faladas, no meio cultural do alfabetizando. Daí são extraídos os vocábulos. Essas palavras são chamadas geradoras da discussão do grupo, da educação coletiva. Brandão afirma que:

“O trabalho de construir o repertório dos símbolos da alfabetização já é o começo do trabalho de aprender. Por isso ele deve envolver um máximo de pessoas da comunidade, do lugar onde serão formados uma ou mais turmas de alfabetizados. A idéia de uma ação dialogal entre educandos – e – educandos deve começar com uma prática de ação comum entre as pessoas do programa de alfabetização e os da comunidade”. (1981, p.24)

Depois que se encontrou as palavras geradoras, pode-se passar a uma visão mais ampla, e através destas mesmas palavras, buscar temas geradores. A partir do levantamento das “palavras” a pesquisa descobre as pistas do ambiente em que esta trabalhando, da realidade social que se vive e a da palavra escrita que a representa. São falas que, ao seu modo, desvelam o mundo e contém, para a pesquisa, os “temas geradores” falados através das “palavras geradoras” .

Brandão dá um exemplo, dizendo que na série de temas geradores pode ser distribuída assim:

- . a natureza e o homem: o ambiente;
- . relações do homem com a natureza: o trabalho;
- . o processo produtivo: o trabalho como questão;
- . relações de trabalho (operário ou camponês);
- . formas de expropriação: relações de poder;
- . a produção social do migrante;

. formas populares de resistência e de luta.

As palavras geradoras são instrumentos que, durante o trabalho de alfabetização, conduzem os debates que cada uma delas sugere e a compreensão de mundo a ser descortinado e aprofundado com os diálogos dos educandos em torno aos temas geradores, instrumento de debate de uma fase posterior.

Cada palavra geradora tem o seu desenho e é com ele, nele, que ela aparece no 'círculo de cultura'; esta é a palavra que substitui a de tema "turma de alunos" e "sala de aula". Brandão (1981, p.36) apresenta um exemplo de como pode ser conduzido um debate com a palavra geradora: salário.

"Palavra geradora: salário.

Idéias para discussão:

- a valorização do trabalho e a recompensa.
- finalidade do salário: manutenção do trabalho e de sua família.
- o horário do trabalho segundo a lei.
- o salário mínimo e o salário justo.
- repouso semanal – férias – décimo terceiro mês.

Finalidades da conversa:

- levar o grupo a discutir sobre a situação do salário dos camponeses.
- discutir o porquê dessa situação.
- discutir com o pessoal sobre o valor e a recompensa do trabalho.
- despertar no grupo o interesse de conhecer as leis do salário.
- levar o grupo a descobrir o dever que cada um tem de exigir o salário justo.

Encaminhamento da conversa:

- o que é que vocês estão vendo neste quadro?



- como é que a situação do salário dos camponeses?por que?
- o que é o salário?
- como deve ser o salário?por que?
- o que é que a gente sabe das leis sobre o salário?
- o que podemos fazer para conseguir um salário justo?".

Ele explica que quando o grupo ou o animador percebe que é hora de falar na palavra, ele chama a atenção para ela, escrita. Ele aponta, caminha com os dedos pelo traçado do fio dela e começa o ensino da leitura e da escrita. Retira-se a gravura correspondente à palavra e, apresenta-a separada em sílabas, que o analfabeto de modo geral identifica como "pedaços". Reconhecidos os "pedaços", na etapa de análise, passa-se à visualização das famílias fonêmicas que compõem a palavra em estudo.

Ex:            TI JO LO  
                   TI TO TA TE TU  
                   JÔ JÁ JU JE JO  
                   LO LE LA LI LU

Estas famílias, que são estudadas isoladamente, passam depois a ser apresentadas como conjunto, do que, então, se chega à última análise, a que leva ao conhecimento das vogais. Como Paulo Freire (1996, p. 124) indicou: "Começa então, com a maior facilidade, a criar com as combinações fonêmicas à sua disposição, que a decomposição de um vocábulo trissilábico lhe oferece, no primeiro dia em que debateu para alfabetizar-se".

Em outras palavras, a idéia básica do Método Paulo Freire é a adequação do processo educativo às características do meio. Mas Freire encontrou o modo de realizar esta associação, necessariamente, como característica intrínseca do pro-

cesso educativo. À semelhança de muitas outras importantes descobertas, o seu método também apresentava notável simplicidade.

Começava por localizar e encaminhar os analfabetos residentes na área escolhida para os trabalhos de alfabetização. Prosseguia mediante entrevista com os adultos inscritos no “currículos de cultura” e outros habitantes selecionados entre os mais antigos e os mais conhecedores da localidade. Registravam-se literalmente as palavras dos entrevistados a propósito de questões ligadas a diversas esferas de suas experiências de vida no local: questões sobre experiências vividas na família, no trabalho, nas atividades religiosas, políticas, recreativas etc. O conjunto das entrevistas era fornecido à equipe de educadores junto com uma extensa relação das palavras de uso corrente na localidade. Essa relação era entendida como representativa do universo vocabular local e dela se extraía as palavras geradoras –unidade básica na organização do programa de atividades na futura orientação dos debates que teriam lugar nos “currículo de cultura”.

Para Freire, o processo educativo nunca seria politicamente neutro, mas sim uma ação cultural que resultaria numa relação de domínio ou de liberdade entre os seres humanos. Certo de que o Brasil era dividido em classes com interesses vitais antagônicos, ele identificava aqui a existência de uma educação voltada para a dominação. Nela, o processo educativo era rígido, autoritário e avesso ao diálogo com os alunos e produzia professores empenhados em ter alunos dóceis e passivos e em dar aulas formais e distantes da realidade dos estudantes.

O método pretendia ainda que junto com o ensino das letras, sílabas e palavras, os alunos deveriam ser incentivados a entender o seu papel na sociedade. Por mais humilde que fosse, todo ser humano seria um “fazedor de cultura”, quer dizer, teria um repertório cultural rico como o de qualquer outra pessoa de formação mais acabada. O processo de alfabetização propriamente dita deveria ser iniciado

com palavras conhecidas pelos alunos. Seriam as "palavras geradoras". O exemplo clássico é tirado do esforço de alfabetização feito com operários que construíram Brasília, nos anos 60. Escrevia-se uma palavra geradora conhecida deles: TIJOLO.

Em seguida a mesma palavra era grafada com suas sílabas separadas: TI-JO-LO. No passo seguinte, eram apresentadas as "famílias fonêmicas" das três sílabas:

TA-TE-TI-TO-TU / JÁ-JE-JI-JO-JU / LA-LE-LI-LO-LU

A sala era, então, convidada a formar palavras com as novas sílabas. O método continuava com a apresentação das vogais e de palavras com um grau maior de dificuldade, por exemplo, com dígrafos – lh, nh, ss, rr... – como TELHADO ou MASSA.

Paulo Freire trabalhava, pois, contextualizando a palavra de acordo com o interesse da população.

## CAPÍTULO III

### CONTRIBUIÇÕES DO PENSAMENTO PEDAGÓGICO DE PAULO FREIRE

Depois da campanha de alfabetização de Angicos (RN), Paulo Freire ficou mais conhecido nacionalmente como educador voltado para as questões do povo. Isto se tornou um marco diferencial na sua vida, em sua pedagogia, e que está visível por toda a sua obra.

Não se pode reduzir a contribuição de Paulo Freire apenas a alfabetização popular de adultos, como muitos dos seus seguidores pensam, principalmente os que não leram as obras posteriores à *Educação como a Prática da Liberdade*, e *Pedagogia do oprimido*, estando a primeira marcadamente ligada às questões da alfabetização e ao método prático. A contribuição ultrapassa o método, situando-se num campo mais amplo da educação e da teoria do conhecimento. Moacir Gadotti por isso afirmou que:

“Não há dúvida de que Paulo Freire deu uma contribuição decisiva à concepção dialética da educação. A pedagogia oficial autoritária e os teóricos liberais (tanto os conservadores quanto os progressistas) combatem suas idéias justamente por seu caráter emancipatório e dialético. Seja como for, aceitemos ou não suas idéias pedagógicas, ele se constituiu num marco decisivo no pensamento pedagógico”. (1995, p.37).

Paulo Freire viu o analfabetismo como resultado de uma situação não só “econômica e social”, como também “política e histórica de opressão”. Este é o motivo de sua grande inovação, basear seu método no diálogo, em que professor e aluno aprenderiam juntos, ao mesmo tempo, acabando com a escola autoritária e dando vida a uma nova escola, democrática e preparadora do homem para o mundo. Ele afirmava: “um dos grandes pecados da escola é desconsiderar tudo com que a criança chega a ela. A escola decreta que antes dela não há nada”.

Brandão concorda com Freire, porque considera que esta, como um processo de humanização, se dá ao longo de toda a vida, ocorrendo em casa, na rua, no trabalho, na igreja, na escola e de muitos modos diferentes.

Ainda falando na herança que Paulo Freire nos deixou, podemos dizer que:

- Suas palavras e suas ações foram palavras e ações de luta por um mundo “menos feio, menos malvado, e menos desumano”. Ao lado do amor e da esperança, ele também nos deixou um legado de indignação diante da injustiça. Diante dela, dizia que não podemos “adocicar” nossas palavras – como crê Gadotti.

Para Paulo Freire, continua Gadotti, - o futuro é a possibilidade. Para o neoliberalismo o futuro é uma fatalidade. O neoliberalismo apresenta-se como única resposta à realidade atual, desqualificando qualquer outra proposta. Ele desqualifica principalmente o Estado, os sindicatos, os partidos políticos ao denunciar a política fazendo política.

Outro legado de Paulo Freire, a “esperança”. Ele era um ser humano esperançoso. Não por teimosia, mas por “imperativo histórico e existencial” como afirma em *Pedagogia da Esperança*. Esperança em que? Na reinvenção do humano, na necessidade de inconformar-se com as coisas no modo como estão. Dizia ele

que “uma das condições fundamentais é tornar possível o que parece não ser possível. A gente tem que lutar para tornar possível o que ainda não é possível. Isto faz parte da tarefa histórica de redesenhar e reconstruir o mundo”.



Além da esperança, cultivou a autonomia que é a capacidade de decidir-se, de tomar o próprio destino nas suas mãos. Diante de uma economia de mercado que invade todas as esferas de nossa vida, precisamos lutar também através da educação para criar na sociedade civil a capacidade de governar e controlar o desenvolvimento.

Entre tantas coisas importantes que Paulo Freire deixou, talvez esta seja uma das mais importantes. No desenvolvimento de sua teoria da educação, Paulo Freire conseguiu, de um lado, desmistificar os sonhos do pedagogismo dos anos 60, que sustentava a tese de que a escola tudo podia, e de outro lado, conseguiu superar o pessimismo dos anos 70, para o qual a escola era meramente reprodutora do *status quo*. Fazendo isso, superando o pedagogismo ingênuo e o pessimismo negativista, conseguiu manter-se fiel à Utopia, sonhando sonhos possíveis.

Escrevendo para a *Revista Educação* (maio de 2004), mês em que se completavam sete anos da morte de Paulo Freire, Mário Sergio Cortella, filósofo, doutor em Educação e Currículo pela PUC – SP, que substituiu a Freire em 1991, na Secretaria Municipal de Educação de São Paulo, falou também da herança deixada pelo mestre:

- “Por valorizar a cultura popular, sofreu a acusação de desprezar os conteúdos científicos e de banalizar o papel docente na produção do conhecimento discente. Ele ria muito dessa interpretação tendenciosa despropositada de seu pensamento. Em 1984, no quarto número da *Religious Education*, respondeu novamente a uma pergunta essa direção dizendo: ‘Não existe nada que me envergonhe de ser um professor. Eu sou um professor. Ensinar

é absolutamente fundamental. Para mim, a questão é como ser um professor que facilita o saber aos educandos, aos estudantes. (...) Há um certo momento em que também os professores 'facilitadores' têm que ensinar alguma coisa. Se eles não fazem isso, o processo de engajamento com o ato de conhecer pára. Epistemologicamente, é impossível conhecer sem formação”.

- “Paulo Freire nunca se alçou à condição de infalível e, na sua derradeira obra, resgata a importância de nos defendermos das trapaças ideológicas, que colocamos, às vezes distraídos, para nós mesmos. Ele insiste na força da percepção crítica como opo-  
sitora do dogmatismo incauto: ‘No exercício crítico de minha resistência ao poder manhoso da ideologia, vou gerando certas qualidades que vão virando sabedoria indispensável, à minha prática docente. A necessidade dessa resistência crítica, por exemplo, me predispõe, de um lado, a uma atitude aberta aos demais, aos dados da realidade; de outro, a uma desconfiança metódica que me defende de tomar-me absolutamente certo das certezas”.
- “No exercício militante de sua pedagogia, Paulo Freire engravi-  
dou a muitos e muitas com algumas idéias subversivas”: 
- “A ruptura do “porque aqui é assim” principia pela recusa à dita-  
dura dos fatos consumados e à ditadura fatalista de um presente que aparenta ser invencível”;
- “É preciso ter a audácia de reinventar, em conjunto, o humano e, com ele, uma ética da rebeldia, uma ética que reafirme nossa possibilidade de dizer não e que valorize a inconformidade”;
- “Ser humano e ser justo. É necessário negar a afirmação liberti-  
cida de que ‘a minha liberdade acaba quando começa a do ou-  
tro’. A minha liberdade acaba quando acaba a do outro; se al-  
gum humano ou humana não é livre, ninguém é livre. Se alguém não for livre da fome, ninguém é livre da fome. Se algum homem ou mulher não for livre da discriminação, ninguém é livre da dis-  
criminação. Se alguma criança não for livre da falta de escola, de família, de lazer, ninguém é livre”.
- “É preciso resgatar a paixão por uma idéia irrecusável: gente foi feita para ser feliz. E esse é o nosso trabalho; não só nosso, mas também nossa paixão pela inconformidade de as coisas serem como são; paixão pela derrota da desesperança; paixão pela idéia de, procurando tornar as pessoas melhores, melhorar a si mesmo ou mesma; paixão, em suma, pelo futuro”. 



UNI-RIO

Universidade do Rio de Janeiro

**CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS  
ESCOLA DE EDUCAÇÃO  
DEPARTAMENTO DE DIDÁTICA  
DISCIPLINA : MONOGRAFIA II**

ALUNO(A) : Francisco

TÍTULO DO TRABALHO MONOGRÁFICO : \_\_\_\_\_

ORIENTADOR : \_\_\_\_\_

**FICHA DE AVALIAÇÃO FINAL**

Primeiro avaliador : **Professor convidado**

Professor: M<sup>o</sup> Amélia

Nota : 8.0 (oito)

**Considerações Finais:**

*Avaliar é uma ação sempre subjetiva, por isso não poder abstrair o fato de quem avalia em sua relação com o avaliado. O Francisco sempre demonstrou apreço pelo que fazia, entretanto suas tarefas profissionais e de pai de família limitaram seus estudos em nosso Curso, levando-o a esforços constantes no sentido de ir adiante colhendo os frutos necessários.*



Há ainda mais para vermos sobre o legado de Paulo Freire, vejamos.

Em 1959 obtive, por meio de concurso, o título de doutor em Filosofia e História da Educação, ao qual se somaram quarenta e três títulos de *doutor honoris causa* pelo mundo afora (trinta e oito deles recebidos em vida e os outros, por sua viúva, professora doutora Ana Maria Araújo Freire); cidadão honorário em onze cidades; nome de mais de mais de uma centena de escolas e vinte e seis centros de estudos e documentação; inúmeras cátedras; e seis prêmios internacionais. Convidado oficial de cinquenta e quatro países dos cinco continentes. Homenageado com uma estátua em Estocolmo, capital da Suécia, e (como faz questão de registrar Ana Maria) nome de uma rua em Itabuna, no sul da Bahia. Paulo Freire é o brasileiro mais laureado no exterior, publicou mais de quarenta livros, traduzidos em vinte e oito idiomas.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Depois de tudo que vimos a respeito de Paulo Freire: como percebia a educação; seu grandioso labor em prol de uma Pedagogia mais justa, democrática e libertadora; o seu revolucionário método de educação de jovens e adultos; e ainda, sua postura política sempre ao lado dos desfavorecidos; pode-se dizer que estes elementos o levaram a obter reconhecimento nacional e internacional. A magnitude que Paulo Freire alcançou, é algo que, como brasileiros, nos deixa contentes, é algo para celebrar!

E a Educação no Brasil cresceu junto com Freire? Se Freire é para ser celebrado, e a atualidade de suas idéias demonstra a força de sua obra, por outro, e ele mesmo concordaria, desmascara como o Brasil ignorou seus ensinamentos. A realidade educacional do país mudou pouco ou quase nada desde então. Se tivessem, de fato, colocado em prática sua pedagogia, nós teríamos hoje um país menos inculto, mas justo e a riqueza da nação não estaria concentrada em 7% da população.

Ao estudarmos os pensadores da Educação, os que seguem a escola de Paulo Freire, e até mesmo, seus opositores, percebemos que ele tornou-se um divisor de águas. Poderíamos falar de uma pedagogia antes e outra depois de Freire. Um marco, porque ao tornar conhecido o seu pensamento político – pedagógico e ainda, ao encontrar o método coerente e aplicá-lo com sucesso, Paulo Freire aqueceu o "pensar – educação", obrigou aos teóricos a repensarem o processo educativo. Os que o aceitam, ou ainda seus opositores, todos tiveram que rever suas diretrizes. A construção teórica avançou consideravelmente depois de Freire.

Ele afirmou que os opressores têm uma consciência fortemente possessiva: "Possessiva do mundo e dos homens [...]. Daí a sua concepção estritamente materialista da existência. O dinheiro é a medida de todas as coisas. E o lucro, e o objetivo principal. (FREIRE., 1998, p.46). Entendemos então porque a maioria das escolas, municipal e estadual está com índice altíssimo de falta de professores. Faltam também funcionários de apoio, material e equipamentos adequados as tecnologias do século XXI. Nas universidades Federais as constatações de descaso e abandono são ainda maiores, as universidades lutam contra a escassez que a atinge por todos os lados. Sobrevive certamente por causa de um grupo de profissionais que pensa como Paulo Freire: "a universidade pública, com o ensino de qualidade, é uma necessidade dos oprimidos". Para isso realizam esforços sem medidas para continuarem, buscam esse objetivo com afinco e com amor, seguindo o lema da "Educação gratuita e com qualidade".

★  
Paulo  
Freire  
é a ajuda,  
muito  
pouco  
relivado  
no BR

**BIBLIOGRAFIA**

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é método Paulo Freire**. São Paulo: Brasiliense, 1981.

CINTRA, Benedito Eliseu Leite. **Paulo Freire entre o grego e o semita: educação: filosofia e comunhão**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1998.

CORTELLA, Mario Sergio. Paulo Freire e a sedução da esperança. **Revista Educação**. Rio de Janeiro, edição especial, Maio de 2004.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. 22 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido**. 9 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia do oprimido**. 17 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários a prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1998.

GADOTTI, Moacir. **Pensamento pedagógico brasileiro**. 6 ed. São Paulo: Ática, 1995.

SILVA, Tomaz Tadeu. **Documentos de Identidade: uma introdução às teorias do currículo**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

STRECK, Danilo R. (org.). **Paulo Freire: ética utopia e educação**. 6 ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1999.



UNI-RIO  
Universidade do Rio de Janeiro

**CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS  
ESCOLA DE EDUCAÇÃO  
DEPARTAMENTO DE DIDÁTICA  
DISCIPLINA : MONOGRAFIA II**

ALUNO(A) : Francisco

TÍTULO DO TRABALHO MONOGRÁFICO : \_\_\_\_\_

ORIENTADOR : \_\_\_\_\_

**FICHA DE AVALIAÇÃO FINAL**

Primeiro avaliador : **Professor convidado**

Professor: Mo Amélia

Nota : 8.0 (oito)

**Considerações Finais:**

Em anexo

Avaliar é uma ação sempre subjetiva, por isso não poder abstrair o fato de quem avalia em sua relação com o avaliado. O Francisco sempre demonstrou apreço pelo que fazia, entretanto suas tarefas profissionais e de pai de família limitaram seus estudos em nosso Curso, levando-o a esforços constantes no sentido de ir adiante colhendo os frutos possíveis das aulas e conteúdos formulados. Acabou seu curso com galhardia e sei que continuará estes estudos assim que puder. Nesse sentido, seu trabalho monográfico apresenta alguns problemas oriundos desse contexto adverso em que muitos de nossos alunos trabalhadores são obrigados a solucionar para completar seu curso. Assim é que, revendo a introdução de *A IMPORTÂNCIA DE PAULO FREIRE PARA A PEDAGOGIA*, percebi de imediato a ausência de tópicos importantes à comunicação que se faz: a) falta de clareza na elaboração do problema; b) indicação precisa da metodologia a ser empregada, não obstante os caminhos estivessem delineados pela orientação dada aos capítulos. De qualquer forma, acredito que o exercício de Francisco tenha sido recompensado pela exigência que se propôs em firmar publicamente a trajetória de um educador brasileiro muito pouco estudado e lembrado no Brasil e, especialmente, pela universidade. Pelo exposto e pelo esforço de sistematização de idéias realizado por Francisco minha nota é 8,0 (oito).

Rio, 28/09/2004+.

*Maria Amélia de Souza Reis*  
Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Maria Amélia de Souza Reis

Segundo avaliador : Professor orientador

Professor : Valéria Wilke

Nota: 8,0 (oito)

Considerações Finais:

O tema escolhido é de interesse para a formação do pedagogo.

O aluno Francisco se propôs a estudar o pensamento de Paulo Freire a partir de "A Pedagogia do oprimido".

Apesar de todas as adversidades ~~encontradas~~ que ~~ele~~ necessitou vencer e que são típicas do aluno que trabalha, ele conseguiu realizar sua investigação. Portanto a ele a nota 8,0 (oito).

Valéria Wilke

Terceiro avaliador : Professor da disciplina Monografia II

Professor: Ligia Maucha Collier

Nota : 8,5

**Considerações Finais:**

A monografia contém alguns dos elementos indispensáveis à sua elaboração (em relação às normas da ABNT).  
No entanto, são visíveis erros nas páginas iniciais (tudo em letra maiúscula), bem como algumas citações, que estão fora do padrão exigido.

*L. Collier*

**RESULTADO FINAL**

Avaliador 1	Avaliador 2	Avaliador 3	Pontos	Nota final
8,0	8,0	8,5	24,5	8,1

Rio de Janeiro, 06/10/2004

*L. Collier*



**QUADRO RESUMO - ORIENTAÇÕES**

Mês \_\_\_\_\_

Dia				
Atividade				
Professor	Valéria Wille	Valéria Wille	Valéria Wille	Valéria Wille
Aluno				

Mês \_\_\_\_\_

Dia				
Atividade				
Professor	Valéria Wille	Valéria Wille	Valéria Wille	Valéria Wille
Aluno				

Mês \_\_\_\_\_

Dia				
Atividade				
Professor	Valéria Wille	Valéria Wille	Valéria Wille	Valéria Wille
Aluno				

Mês \_\_\_\_\_

Dia				
Atividade				
Professor	Valéria Wille	Valéria Wille	Valéria Wille	Valéria Wille
Aluno				

Mês \_\_\_\_\_

Dia				
Atividade				
Professor				
Aluno				